



REDACTOR PRINCIPAL

Alexandre Vieira

EDITOR

Jonquim Cardozo

Propriedade da União Operária Nacional

Órgão de Imprensa - N.º de Anúncio, 101

(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)

Redacção e administração — Calçada do Cambre, 24-A, 2.º

End. telegr.: Tallaça - Lisboa e Telefun.: 1

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — FORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ACLARANDO

No editorial que *A Manhã* ante-ontem publicava achava-se pouco claro o nosso artigo de quarta-feira última — um artigo que, confessamos, não era escrito com a preocupação única da clareza. Nesse artigo se afirmava, em primeiro lugar, que a revolução iniciada na Rússia, com repercussão nos países vizinhos, estava em plena harmonia com as aspirações e com o sentir da organização operária portuguesa. Não sabemos se foi esta primeira afirmação aquela em que *A Manhã* encontrou falta de clareza. Se foi, nós procuraremos torná-la mais compreensível com a adição de algumas palavras.

A revolução russa estalou após alguns meses de experiência democrática, sob Kerensky. Nesse período se sucederam governos vários da coligação partidária, fundou-se uma constituinte, foram-se decretos de diversa ordem. Mas, sistematicamente, por impotência ou má vontade desses governos e dessa constituinte, deixaram-se insolúveis os problemas que mais de perto se relacionavam com as tendências ou com as necessidades do povo russo. Citem-se dois, entre esses problemas: a questão agrária, e a liquidação da guerra. O povo russo, bem intimamente, todos os povos em beligerância, detestava a guerra, e, por consequência, desejava ardentemente o mais rápido estabelecimento da paz; por outro lado, de todas as reformas de carácter económico, aquela que o povo russo mais insistentemente reclamava, aquela porque já tantas vezes se batera, era a que viria modificar inclementemente as condições de vida das populações rurais. Era a reforma agrária. Ora Kerensky e os governos que sob o seu consólio se constituíram nem de perto nem de longe buliram em questões de tamanha importância.

Fez-se a revolução republicana, arrojou-se o czar para fora do trono que o sangue tantas vezes manchara, mas o povo continuava na mesma. A República de Kerensky estava destinada a assemelhar-se, em tudo e por todo, a tantas outras repúblicas por esse mundo estabelecidas, simples mullas de rónio e de mandantes, com a mesma miséria, com a mesma escravidão para o povo. E vai daí o povo, que não queria a guerra e não deixara de reclamar a reforma agrária, tomou conta do poder. E que fez? Liquidou aquela fantochada da constituinte democrática, por contrária ao espírito da revolução nova; efectuou a reforma agrária, que Kerensky não soubera ou não pensara em empreender; constituiu-se em Soviét, tomando conta da produção, fiscalizando-a, dirigindo-a; nacionalizou os serviços, tudo o que de se socializar era susceptível; pôs os serviços de instrução em novas bases; tratou de concluir a paz; e procurou, como ainda procura, conseguir para todos mais bem estar, mais liberdade e mais justiça. Ora já nós aqui dissemos que a sociedade russa está ainda longe de ser ótima. E milagres seria que, com tantos inimigos, estivessem já removidos todos os obstáculos. Inimigos internos, que são a burguesia, a aristocracia, a parasitagem russa; inimigos externos, que são a burguesia, a aristocracia, a reação e a parasitagem dos diversos países hostes à Rússia, essa parasitagem que marca ainda a orientação, que dita a conduta dos governos, que os leva a enviar tropas ao oriente, que lhes impõe o bloqueio, ainda hoje mantido, à grande nação russa. Não é portanto um ideal a organização actual da Rússia. Mas o certo é que ela avança num caminho prodigiosamente ajustável aos desejos mais caros da organização operária portuguesa. Não conseguiram as mentiras ignóbeis da mor parte da imprensa, as confusões por ela adrede provocadas, a sua tantas vezes manifestada má fé, esconder à nossa observação a verdade dos factos. Por modo que o operariado está com a revolução russa, como eu, está também Máximo Gorki, comissário superior dos serviços de instrução na Rússia, facto que *A Manhã* parece desconhecer, não tendo tido talvez o tempo de examinar mais completamente o que pela Rússia vai.

Foi esta a primeira declaração do nosso artigo de quarta-feira. Fizemo-la porque achámos oportuno fazê-la, porque nos repugna mentir. Não sabemos se foi esta parte que *A Manhã* achou pouco clara. Se foi, já aqui fica dito hoje alguma coisa mais para auxiliar a compreensão. Se não foi, é por qualquer outra das nossas afirmações no mencionado artigo ficou obscura. Ora nós afirmamos também que, embora de alma e coração com a revolução russa, a organização operária portuguesa não iria empreender já a implantação de um regime idêntico ao da Rússia, salvaguardadas as diferenças que o meio impõe. Não se empreende porque não acha o meio ainda insufficientemente preparado. A pobreza do nosso país sob o ponto de vista económico, com *A Vindicta* de ontem justamente dizia, é uma das mais importantes manifestações da sua impropriedade. Desacertado seria pois implantar, a dentro das fronteiras portuguesas, uma ordem de coisas totalmente nova, a lutar desde o início com a hostilidade, levada sabe Deus a que pontos ex-

tremos, das nações vizinhas. Mas se se face social dessas nações vizinhas mudará de aspecto, como, nem futuro mais ou menos breve, tudo faz supor que sucederá, desaparecendo, em consequência, a hostilidade de que falámos, já a transformação social no nosso país pode operar-se sem inconveniente de maior, como que um reflexo ou uma repercussão. Ora, como se nestas condições a transformação social portuguesa tem garantias de perdurabilidade, a organização operária não testará por enquanto a revolução. Isto dissimos, para pôr termo a sustos prematuros, já por si patenteados. Dissimos lo falando franco e na persuasão de que faláramos o claro.

Pois *A Manhã* entende que não primamos pela clareza, ou melhor, — e neste deitamos nós ousadamente a adivinhar — *A Manhã* achou que cámos em contradição quando dissimos impropriedade o nosso meio para uma reforma social, rejeitando-nos por outro lado com a perspectiva duma generalização ao nosso país do regime em vigor na Rússia. Mas, por nossa fé, não vemos que entre estas duas declarações exista contradição alguma. A generalização ao nosso país dum regime socialista, que outra coisa não é, em essência, a República dos Soviéticos, implica, a nosso ver, uma profunda transformação social em toda a Europa, e dela resultará o anullamento das circunstâncias que tomam o nosso meio impropriedade. Logo, se não é aconselhável fazer a revolução em Portugal, nada obsta a que jubilosamente a acitemos quando, por cima das fronteiras, se a oferecerem, já feita e pronta — que a hora está chegada e propício é o momento.

Por este modo esclarecido o que, na passada quarta-feira, escrevemos, restava ao artigo em que *A Manhã* nos declarou pouco claros.

Nesse artigo se pretendem dar os monárquicos um pouco de movimento social que se produz entre nós, porque eles poderiam lucrar com o advento dum regime socialista, como em essência é, repetimo-lo, o da Rússia. Assim fala o sr. Mayer Garçon e nem a todos responderíamos nós no tom em que aquele senhor responderemos. Escrita por outra parte, tal afirmação, que, aliás nem é nova nem original, assumiria a importância duma insinuação que cumpra energeticamente repeller. Mas dada que é o sr. Mayer Garçon quem a faz, já o caso muda de figura, visto tratar-se simplesmente duma alucinação. O sr. Mayer Garçon tem passado a sua vida a combater monárquicos, como um nosso conhecido, revendedor de jornais, tinha perdido o cabelo a malar gralhas. Fazer emendas em provas tipográficas tornava-se para ele uma obsessão, a ponto de ver gralhas em toda a parte, de sonhar com elas durante o sono, de só nelas pensar durante a vigília. Correspondentemente, o sr. Mayer Garçon vê monárquicos em toda a parte, até no bolchevismo. Não lembra ao diabo, quando se vê o combate cerrado, embora estéril, que a imprensa, os conferentes, os escritores monárquicos e reaccionários de toda a parte estão fazendo as modernas tendências sociais. No nosso país, para particularizar, não há parvoíceia ou mentirala que as folhas reaccionárias não editem para desvirtuar o significado da revolução russa. Este são os factos. Pelo lado da lógica, como poderia explicar-se um modocloro, com razões que a um homem inteligente não repugnem, a simpatia ou a participação dos monárquicos num movimento que é precisamente o mais antagonístico às ideias deles? Os monárquicos bolchevístas! Oxalá os não vejamos nós, nas vésperas da inevitável convulsão, de mãos dadas aos republicanos, unidos todos, pela defesa da sacrosanta igrejainha da propriedade privada!

Aliança entre a Rússia e a Alemanha?

No número ontem chegado a Lisboa, de *El Sol*, lêmos o seguinte telegrama da estação alemã de Nauen cuja importância nos parece desnecessária fazer ressaltar:

«A *Deutsche Tageszeitung* publicou detalhes sobre uma suposta oferta de aliança do Governo dos Soviéticos russo ao governo alemão, segundo a qual a Alemanha seria restituída as fronteiras de 1914.

A Rússia e a Hungria estão dispostas, segundo a versão do diário alemão, a pôr à disposição da Alemanha um exército de 500.000 homens, devendo a Alemanha comprometer-se, em troca, a prestar ajuda à Rússia na sua luta contra o Entente, a constituir um ministério puramente socialista e a realizar imediatamente a socialização das indústrias.

O ministro dos estrangeiros, conde de Brockdorff-Rantzau, declarou que nada sabe de semelhante aliança.

Fazer uma propaganda activa em favor do nosso jornal é o dever de todo o operariado.

NA BAVIERA

Os sucessos de Munich

O governo dos soviéticos bávaros derrubado — A sua imediata restauração — Situação indecisa

Há meses que reina na Alemanha uma grave agitação operária, que poderá dar origem a sérias complicações internacionais, estando travado duro e acoso prélio entre o governo dos soviéticos patriotas, apoiado na burguesia e no militarismo prussiano e os espartaquistas, que representam a esmagadora maioria do proletariado germânico.

E' a Alemanha uma federação de Estados, ligados entre si por uma convenção militar e económica que deu a esse agregado de países a força demonstrada durante a tremenda conflagração entre estados burgueses, agora finda com o armistício de 11 de Novembro. Dessa federação os países mais importantes são a Prússia e a Baviera, onde os acontecimentos revolucionários tomaram maior incremento. Sobre os sucessos da Baviera vamos alinhar algumas considerações, aproveitando-nos para isso de interessantes elementos colhidos nos jornais estrangeiros ultimamente chegados.

A constituição de um governo bolchevista em Munich, capital bávara, foi uma surpresa para os que conheciam a psicologia desse país. Com uma população onde predomina o elemento católico, parecia que resistiria facilmente ao contágio dos revolucionários russos. Mas assim não sucedeu, pois as tropas bávaras, escolhidas entre as do Império para ocupar as províncias bálticas após a paz de Brest-Litovsk, devido ao atrazo social dessa nação, vieram contaminadas pelo extremismo moscovita, desenvolvendo uma activa propaganda e constituindo os melhores auxiliares dos espartaquistas bávaros, que conseguiram, conforme noticiámos, proclamar a República dos Soviéticos.

Não se deram, porém, os elementos moderados e conservadores por vencidos, e, capitaneados por Hoffmann, primeiro ministro do governo derrubado pelos socialistas, opuseram uma enérgica resistência, conseguindo na noite de 12 para 13 provocar um levantamento de parte da guarnição, que se apoderou dos edifícios públicos e distribuiu forças pelas principais artérias de Munich, detendo, ainda, 16 membros do governo comunista.

Os revolucionários extremistas, surpreendidos por esse ataque inesperado, pouca resistência opuseram a princípio, mas despachos telegráficos ultimamente chegados noticiam o restabelecimento da República dos Soviéticos em Munich, que relatam da seguinte forma:

O processo Humbert Lenoir

PARIS, 14 — O sr. Weber, redactor do *Journal*, afirma que na ocasião da assinatura do contracto Humbert não tinha suspeita alguma sobre a origem dos fundos. Acrescenta que Humbert só teve inquietudes no último trimestre de 1915 e que em Dezembro manifestou desejos de falar nisto ao sr. Poincaré.

A testemunha diz que Humbert aceitou o concurso de Bolo para não empregar no *Journal* toda a fortuna da mulher e diz que, espécie de caução moral era o presidente Monier para Bolo.

Werber diz que teve a impressão de que quando Humbert falava das suas suspeitas nos meios oficiais era recebido de maneira jocosa e termina protestando homenagem às convicções patrióticas de Humbert. Em seguida são ouvidos os seus peritos acerca da escritura cujas conclusões estão em completo desacordo.

O capitão Morpet diz que não se terá isso em conta — H.

Operários da Central Eléctrica

As suas reclamações à Companhia

Os camaradas da Central Eléctrica, fábrica Tejo, apresentaram ao chefe de R. de Rô, a fim deste as transmitir à Companhia, as seguintes reclamações:

1.º Reintegração imediata de todo o pessoal das oficinas da Central Boa Vista e do chefe das mesmas no lugar que exercere até ao dia do conflito; 2.º Dia normal de 8 horas para todo o pessoal; 3.º Aumento de 60 % para todo o pessoal; 4.º Afastamento do engenheiro sr. Lívans por ser considerado inimigo do pessoal e ser incompetente para exercer tal alto cargo.

Esses camaradas deram o prazo de 24 horas para uma resposta da Companhia, tendo o sr. De Rô prometido que essa resposta seria dada até às 19 horas de hoje.

No domingo, pela tarde, realizou-se uma grande manifestação de operários e soldados comunista, organizando-se depois um ataque à estação ferroviária, que estava ocupada por forças anti-bolchevistas. Os atacantes utilizaram metralhadoras, espingardas e lança minas, vindo-se a guarnição da estação na necessidade de se render, tendo sido o comandante fusilado pelos comunistas. Estes conseguiram na mesma noite apoderar-se do quartel geral das tropas de Hoffmann, assim como de outros edifícios e dos quartéis, dominando toda a capital, tendo sido proclamada a greve geral.

Todaya, a sorte do movimento maximalista bávaro, ainda está indecisa. Hoffmann, que dispõe de grande energia, está organizando um poderoso exército, apoiado nos camponeses, que são estruturalmente católicos e conservadores, exército que atacará Munich, que se encontra sem comunicações com o resto do império.

No entanto, é de esperar que a resistência dos revolucionários seja encarniçada, pois o governo de Ebert e Scheidemann é aborrecido pelo operariado bávaro, que reclama o poder para o Soviét; a abolição dos partidos políticos e do parlamentarismo, a socialização das riquezas nacionais e a fraternização com o proletariado russo e húngaro.

Os graves acontecimentos de que a Alemanha tem sido teatro, demonstram a saciedade que o seu povo é capaz de actos revolucionários de grande alcance, permanecendo na luta, apesar da feroz resistência que lhe opõe a burguesia. E' no antigo império germânico que a revolução atingiu uma maior intensidade, tendo o proletariado travado uma batalha tremenda que deixa a perder de vista as lutas de Petrogrado, de Moscovo ou ainda de Budapeste.

As multidões não são mais que o reflexo da psicologia individual. Não existem povos revolucionários e povos conservadores; todos são susceptíveis de desenvolver determinada acção desde que tenham ambiente apropriado.

Trouxe esta guerra surpresas, e a maior delas é a transformação do povo alemão — que antes da cultura do patriotismo, mantinha um militarismo rígido e vivia sobre o seio de um dos maiores imperadores — numa pleiade de audazes revolucionários que, pela defesa da emancipação proletária se tem batido desde a Prússia Oriental às províncias renanas.

Estofadores e Decoradores

Prossegue a greve desta classe

Continúa em sessão permanente a assembleia magna desta classe resolvendo manter-se em greve até completa satisfação das reclamações feitas aos industriais.

A classe encontra-se animada e solidária mantendo-se o movimento. Foram recebidos vários officios de sindicatos oferecendo o seu apoio moral e material.

A comissão continúa hoje nas suas demarches junto dos industriais, realçando-se a assembleia de hoje às 10 horas.

UM MANIFESTO DA

Federação dos Trabalhadores Rurais

Esta organização acaba de publicar um manifesto, dirigido à numerosa classe que representa, encarecendo a absoluta necessidade de despertar para a luta que, hoje mais do que em qualquer outra conjuntura, urge iniciar.

São desse manifesto as palavras que a seguir transcrevemos:

«Trabalhadores rurais: desportai-vos semo, dessa isenção em que há meses permanecéis. Limpai bem os olhos e reparai que em volta de nós todo o mundo operário se convulsiona, todas as classes se estão organizando fortemente, para melhorarem as suas condições de vida; só nós, os trabalhadores rurais portugueses, estamos silenciosos. Com esse criminoso silêncio, estamos colaborando com o burguez, com o explorador do nosso trabalho, com o explorador do pão de nossos filhos. Há um ano que se realizou o nosso congresso e lembrai-vos que, até hoje, das reclamações que temos formulado, ainda a mínima não foi atendida»

Desastre no trabalho

José Maria Fajua, operário da construção civil, tendo sido vítima de um desastre no trabalho, encontra-se no hospital de S. José, completamente impossibilitado para o trabalho. Queixa-se esse camarada de não ter recebido a indemnização a que, pela lei dos acidentes no trabalho, tem direito.

A ARTE E O POVO

O grande festival no São Luis em homenagem a A BATALHA

Os bilhetes encontram-se já quasi exgotados. Aos valiosos elementos já citados, outros se juntam, tudo fazendo prever uma noite de verdadeira arte

Excederam em muito toda a nossa expectativa, o entusiasmo e o interesse que lavram, no nosso meio, pelo grandioso espectáculo que os amigos do nosso jornal realizam na noite do 1.º de Maio no teatro S. Luis, em homenagem a *A Batalha*. Postos anteontem à venda, na nossa administração, os bilhetes para esse grande festival operário, em dois dias quasi que completamente se exgotaram. Os lugares mais caros eram os mais disputados tal o desejo de, accorrendo ao espectáculo, auxiliar *A Batalha*. Na noite de anteontem uma verdadeira multidão enchia a nossa sede aguardando centenas de pessoas, no corredor e na escadaria, a vez de poderem ser servidos. E o mesmo facto se repetiu ontem, sendo tal a impaciência de muitos e a tristeza ou o desespero, consoante os temperamentos e o grau de consciência, de muitos mais, por não poderem ser servidos como desejavam, que pedida foi, à comissão organizadora, a repetição da festa a realizar-se no dia 1.º de maio, em outra noite, para que todos podessem assistir ao espectáculo, cujo programa, ansiosa e avidamente esperado, não podemos ainda hoje publicar por a comissão aguardar a resposta a officios que a alguns dos nossos artistas endereçou. Cometendo embora uma indiscreção — que por certo nos será reprovada — sempre, diremos para satisfação

ção da curiosidade dos nossos leitores, que além do notável barítono António Caldeira e do distintíssimo concertista de guitarra Carmo Dias, está garantido o concurso da gentil e distinta actriz Lúcia Garcia e do actor José Cardoso, um novo pouco conhecido em Lisboa mas que em uma longa tournée recentemente realizada revelou valor cénico muito apreciável.

Indiscretamente, podemos dizer que o ensaiador e marcador das peças, que a cena subirão nessa noite, é o nosso camarada Eduardo de Freitas, ator inteligente, ilustrado e estudioso, conhecido, como poucos dos novos, da técnica teatral. A competência de Eduardo de Freitas, aliada ao entusiasmo com que accedeu ao encargo de ensaiar e marcar as peças a levar à cena, são a garantia do éxito que, sob o ponto de vista artístico, registará o espectáculo em homenagem a *A Batalha*.

A esplendida filarmónica Alunos de Apolo ofereceu-nos também o seu concurso para abrilhantar a nossa festa e igual oferecimento nos foi dirigido pelos conhecidos amadores Francisco Moreira e Constantino de Carvalho.

A todos agradece *A Batalha* em nome da comissão organizadora do festival que, no teatro de S. Luis, reunirá, na noite do 1.º de maio, o elemento operário de Lisboa.

O PÃO NOSSO... DE SEGUNDA

A Opinião, que não tem querido dizer qual é o jornal da manhã que anda constantemente a falar no negócio do pão e a defender um tipo único, o que me leva a crer que não tem sido nenhum; *A Opinião*, que mistura alhos com cerejas, chamom, ontem, cega-rega ao debate desta importantíssima questão como, de resto e com acerto maior, poderia chamar-lhe... *gaita de folas*.

Referindo-se, ainda — desfavoravelmente — ao pão tipo único, há pouco imprimido pelo decreto assinado pelo dr. João Henriques Pinheiro e para fazer realçar a excelência e a barateza do actual pão de segunda, veio dizer agora que aquele pão, a catorze vinténs o quilo, era de tal raça — que nem os cães o comeriam, sendo para extranhar que o não dissesse antes.

Esqueceu-se também de dizer que durante muitos meses consecutivos a população de Lisboa, bom ou mau, não comeu outro, não dizendo que também no Alentejo e durante esse tempo se comia magriço pão de trigo, a sete vinténs o quilo e que as farinhas empregadas no fabrico do pão tipo único vendido e consumido nesta cidade foram sempre fornecidas, inclusivamente às padarias independentes, pela Nova Companhia Nacional de Moagem, pelo menos em grande parte, quando não na totalidade.

Assim é que está certo e assim é que deve escrever-se a história para vindouros e coveiros.

Sustenta *A Opinião*, jornal da tarde, como o podia ser da manhã, que houve sempre dois tipos de pão, o que não é bem assim, mas não diz que, ao presente, pelo menos, e que eu o saiba, há três tipos: o tal de segunda, a que attribuo o meu grande desarranjo intestinal, acrescentando que por causa dele só em quinze dias gastei alguns sessenta escudos com o tratamento de minha mulher; o denominado pão fino que, segundo os técnicos, não presta e que devia ser pesado, sem que o seja, e, por último, um pretensão pão fino, denominado de luxo — rósas, formas, caracassas, etc. — que constituem, apenas, um pão tolerado, como tudo quanto está fora da lei e a cuja pesagem não pode obrigar-se quem o vende e que, pelas minhas contas, é vendido a mais de um escudo, cada quilo.

Antes de mais nada devo declarar que não estou aqui falando ao povo, que não me deu procuração para isso, mas sim que, nem uma só vez, manifestou o seu desagrado para comigo pelo facto de eu tomar a sua defesa, que é a minha e a dos meus.

Entenda *A Opinião*, se pudere e quizer entender isto que lhe estou dizendo neste jornal da manhã; entenda *A Opinião*, cujo título estou citando como determinam a franqueza e a lialdade que se faça; entenda, repito, se lhe convier entender-me, que eu não estou aqui fazendo, não fiz, nem farei em parte alguma, mais ou menos velado, o fogo das conveniências mercantis a que, vulgar-

mente, e com inteira propriedade se dá o nome de *chantage*.

Tão pouco tenho os olhos espetados burras de quem quero que seja, pois desde que não posso ter a justa aspiração de entrar na posse duma dezena, pelo menos, de contos de réis que me pertencem, segundo uma lei que ainda não prescreveu e pelo motivo de transgressões confessadas e provadas que eu descobri como funcionário do Estado, requerendo, como tal e em tempo competente, o devido procedimento judicial que não se adoptou porque fui vencido, como provarei, por maioria de votos, se bem que o dito procedimento fosse julgado como justo e conforme com a dita lei; desde que determinadas burras se cerraram obstinada e invencivelmente, com prejuizo do Estado de duas dezenas de contos, resultando daí, como dito é, o meu prejuizo, claro está, que, menos ainda, posso esperar e pretender que as ditas burras se escancarem para eu tirar delas o preço de qualquer serviço por mim prestado contra a verdade.

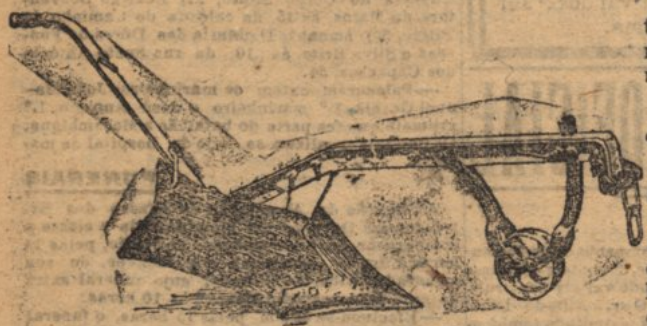
Isto dito, muito ao correr da pena e porque só com factos, que não se inventam, costume e sei argumentar e fazer prova, hei-de dizer neste jornal da manhã, em que, pela segunda vez abordo a questão assás levedada do pão, o que fiz e faço sob a minha exclusiva e intensa responsabilidade e unicamente em meu nome:

1.º Que o pão actual de segunda, ainda o melhor que se vende em Lisboa, não é precisamente aquele a que o insigne e laureado poeta sr. Guerra Junqueiro consagrou a sua *Oração*, mas sim uma espécie de peste que corrói e envenena, mais ou menos, o sangue dos respectivos consumidores, a ponto, quero crer, de produzir enterites e outras molestias gástricas e de originar o tifo exantemático que, no dizer dos homeus de sciencia, se propaga pelo piolho, de pobre a pobre, de esfarrapado a esfarrapado, de miseravel a miseravel, a não ser que a *Opinião* ou algum médico abalisado venha provar que os alimentos pódres ou corruptos e, por consequência, prejudiciais à economia animal, não corrompem nem envenenam o sangue de quem os ingere e mal digere, a falta de mais sadio alimento.

2.º Que não é para estranhar que assim seja, visto que, há cerca dum ano, li no jornal *O Seculo* (vou citando sempre) que o sr. dr. Ricardo Jorge, director geral de saúde descobrira, pouco antes, o bacillo da loucura numa partida de milho avariado, que, salvo erro, saíra de algures para o Porto, descoberta essa que, sobremaneira, me surpreendeu, pois que eu estava mui longe de supor que a loucura também tivesse o seu bacillo ou agente microbiano de propagação, não sendo, por consequência, para causar estranheza que o tifo exantemático, transmitido pelo piolho que morde os tíficos, seja produzido

CHARRUAS as mais perfeitas

FABRICAÇÃO DE
E. DUARTE FERREIRA & FILHOS (Engenheiros)
TRAMAGAL



Modelos próprios e todos os pertences das marcas do mercado mais gastáveis no país.

Rolhas vulgares de grande resistência.

Ditas de bicos substituíveis, privilegiadas de cuja aplicação resulta uma considerável economia, pois cada rola utiliza muitos bicos de muito menor custo.

NORAS para tirar água — PRENSAS para vinho — Instalações completas de LAGARES DE AZEITE

GRANDES OFICINAS E ESCRITÓRIO junto à estação do Caminho de Ferro do Tramagal

J. Paiva & Fraga

OURIVES-JOALHEIRO
6, Rua da Palma, 12

Lembramos aos nossos amigos e fregueses que continuamos vendendo todos os artigos de ourivesaria e joalheria por preços com os quais ninguém pode competir. Pedimos uma visita a nossa casa e confrontem a qualidade dos trabalhos e seus preços e verão depois quem melhor e mais barato vende. Cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos de ouro ao peso.

6 e 8, R. da Palma, 10 e 12
Junto à Casa das Galoias
Não confundir: 1.º FRAGA, subindo a rua
TELEFONE 3676

Pedras para isqueiro

A verdadeira pedra metal AUBRE encontra-se à venda na Havança de Conde Barão, Largo do Conde Barão 55. (Defronte do Kiosque). Todos os operários se devem habilitar nesta feliz casa para a próxima loteria. Chegou nova remessa de pedras quadradas.

Casa do Isqueiro
à porta (57)

A SEMENTEIRA Publicação mensal de crítica e sociologia. — Por assinatura, 1 ano 88 centavos. Avulso, 3 centavos

Comp. Cam. de Ferro Portugueses
Sociedade Anónima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Serviço dos armazéns gerais
Venda de sucata metálica

No dia 31 de Maio, pelas 15 horas, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para a venda de sucata metálica diversa.

As condições estão patentes, em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazéns Gerais (edifício da estação de Santa Apolónia) todos os dias úteis, das 10 às 16 horas, ou em Paris, nos escritórios da Companhia, rua de Châteaudun, 28.

O depósito para ser admitido a licitar deve ser feito até às 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio externo da estação do Rocio.

Lisboa, 16 de Abril de 1919.
O director geral da Companhia,
Ferreira de Mesquita.

Biblioteca de A SEMENTEIRA

Delessalle—A confederação do trabalho: 500
Dias—Seminário para colher: 500
E. Silva—Teatro livro & Arte social: 500
Kropotkin—Os bastiões das guerras: 500
Kropotkin—Em v. lta de uma vida: 500
Libertas—O rei e o snarquista: 500
Mataesla—Em tempo de eleições: 500
A Sementeira—4.º ano e até ao último número da 1.ª série, 16 números, 128 pag. de sociologia, biografia, gravuras, etc.: 500
A Sementeira—Os 2 primeiros anos da 1.ª série, 1918-1919, com 1.ª edição e variedade de colaboração, canções revolucionárias com música, trovas sociais, teatro, gravuras, etc., além de cerca de 400 receitas, fórmulas e conselhos; um volume de 384 pag., 1.ª edição: 500
A Sementeira, por assinatura, um ano 88 centavos, avulso: 3 centavos

Satisfazem-se todos os pedidos destas e de outras quaisquer publicações, quando acompanhadas das respectivas imprimeiras e dirigidas à administração de

A SEMENTEIRA
Cais do Sodré, 88—LISBOA-PORTUGAL

Banco Português e Brasileiro

SÉDE
Rua Augusta, 34 — Lisboa

FILIAL
P. Almeida Garrett — Porto

CAPITAL:
Esc. 3.500.000\$00

RESERVAS:
Esc. 1.405.000\$00

Agentes em todo o país

Depósitos à ordem e a prazo
em moedas portuguesas e estrangeiras

Compra e venda de câmbios

Correspondentes em todas as
principais praças do mundo

Operações bancárias
de todos os géneros

Cartas de crédito e circulares sobre todos os países

(59)

A FUNTIPO

R. Nova da Piedade, 62, 2.º

A mais artística fundição tipografica de Portugal

Director-proprietario
L. Gini.

(16)

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses
Sociedade anónima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

EDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente José dos Santos, guarda da Estação do Entrocamento da Divisão de Exploração-Movimento, a pensar por ele legada como pensãoista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1887, concorrendo à Divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Emilia Mendes.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 14 de Abril de 1919.—O Presidente da Comissão Executiva, José A. Melo Sousa.

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente Manuel Simões, condutor de 1.ª classe da Divisão da Exploração-Movimento, a pensar por ele legada como pensãoista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1887, concorrendo à Divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Maria Monteiro e filhos Josefa, Eugénio, Ivo e Aurélio.

Findo este prazo, será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 14 de Abril de 1919.—O Presidente da Comissão Executiva, (a) José A. de Melo Sousa.

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente Jorge Júlio Loureiro da Gama, ex-empregado principal da Repartição dos Armazéns de Viveres, Gerência da Cai-

xa de Socorro, a pensar por ele legada como pensãoista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1887, concorrendo à Divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Ana da Conceição Couto e seu filho Fernando.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 15 de Abril de 1919.—O Presidente da Comissão Executiva, (a) José A. de Melo Sousa.

Pechinchas

Para os revendedores
de calçado

VARIADO SORTIDO
Travessa dos Remolares, 30, 1.º



Não me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZITANA, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e de uma solidez capaz de resistir a todos os vãos.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês do Alegrete, 45-51

Tenham juízo!...

Operários, uni-vos; e compra o vosso calçado na

SAPATARIA BRASIL

RUA DA MADALENA, 208, 209

Sempre mais barato. Descontos aos operários que apresentarem este anúncio.

Exceção às encomendas para a província. (40)

(76) CLINICA DENTARIA

Tratamentos de doenças da boca e extração de dentes absolutamente sem dor. Colocação de dentes artificiais pelo sistema americano (sem placa).

Extração gratuita de dentes sem dor à classe operária, às terças e quintas feiras das 9 às 11. Tratamento a prestações, com 20 % de abatimento; sendo 10 % para a Batalha e 10 % para o cliente.

BARROS MARINHAS

Rua da Assunção, 25, 3.º

(segunda da rua da Prata)

(74)

Alfaiata Faz fatos de moda e voltam-se.

Rua Cidade Cardiff, 25, 1.º

(Bairro Brás Simões)

OURO

Mais barato e só pelo peso

NÃO SE PAGA FEITIO

Cordões, Cadeias, Brincos, Travesseiros, Alfinetes para gravata e mais artigos que se vendem pelo peso.

Vende só

(75)

A Ourivesaria

do Barateiro Pimenta

RUA DA PALMA, 2

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses
Sociedade anónima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894
AVISO AO PÚBLICO

Tarifa especial n.º 4 — Grande velocidade para transporte de METÁLICO, VALORES E REEMBOLSOS

A começar em 15 de Maio de 1919 os preços de 2.ª da tarifa acima indicada, aplicáveis a reembolsos, são modificados como abaixo se indica, sem prejuízo de, sobre eles, continuarem a incidir as sobre-taxas que estejam em vigor à data da expedição.

Percursos. — Preço por trecho individual de 50\$000.—Até 50 quilómetros, 60\$; de 51 a 100, 65\$; de 101 a 150, 70\$; de 151 a 200, 75\$; de 201 a 250, 80\$; de 251 a 300, 85\$; de 301 a 350, 90\$; de 351 a 400, 95\$; de 401 a 450, 100\$; de 451 a 500, 105\$.

Em tudo o mais ficam em vigor as condições da referida tarifa.

Lisboa, 12 de Abril de 1919.—O Director Geral da Companhia, (a) Ferreira de Mesquita.

Tinturaria a Vapor

— DE —

Maria d'Assunção Silva Branco

45, Calçada do Carmo, 47

TELEFONE 2019

TINGE em todas as cores e lava toda a qualidade de fazendas, sedas, lãs, algodão em fio, roupas de senhora e fatos de homem, feltos e desmanchados, pelerias, capás de borralha, reposteiros, peles, feltos e tapetes.

Dégraissage à sec (49)

Luços novos e usados

Compram-se e vendem-se todas as obras de sociologia, arte e literatura, no Mercado Literário de José da Silva Oliveira, Calçada do Combro, 38-A.

(25)

Propaganda social

Serie de folhetos em português

N.º 1

Necessidade da Associação

Por José Prat

Do Trabalhador Indiferente

Por Pinto Martin

Preço de cada 60 rs.

JESUS NA GUERRA

Novidade literaria da maior actualidade

As mais interessantes teorias sociais

A' venda — Preço 50 centavos 500 réis

Pedidos á EMPREZA EDITORA POPULAR

Rua do Poço dos Negros, 79 a 83

(26)